

DO ALUNO AO PROFISSIONAL "A COMPOSIÇÃO DO MUSICOTERAPEUTA"

Alunas de Musicoterapia : Alyne Alessandra Mizutani

Patrícia Wazlawick

Este trabalho surgiu em decorrência da percepção de uma transformação que começou a se estruturar em nós, enquanto alunas estagiária de musicoterapia, tendo agora um contato direto e ativo com o cliente numa sessão de Musicoterapia e todas as responsabilidades que isso implica.

Percebemos que ocorre como fato de uma mudança do primeiro ao terceiro ano. Por que isso ocorre? O que desperta no aluno para tais mudanças?

Consideramos três hipóteses:

- 1- O desenvolvimento de uma maturidade pessoal, baseada em reflexões e estudos (aprofundamento – contato com o mundo da musicoterapia).
- 2- A visão da importância do outro, enquanto ser humano, que é adquirida em grande parte pelo relacionamento na turma, considerando as diferenças de ser de cada um, e percebendo o outro, no social como complementar do eu.
- 3- A consciência e compromisso do futuro e presente papel do musicoterapeuta, enquanto estagiário e breve profissional, também engajado e comprometido na sua profissão e ética da mesma.

No primeiro ano, recém vindas do 2 grau para a Universidade, sentfamo-nos "perdidas", pois era um meio novo para nós. Tinha-mos muitas inquietações, desconfortos e dúvidas do que vinha a ser a musicoterapia, bem como uma imaturidade presente.

BASTOS E KELLER (1997) em um estudo realizado com alunos que ingressam no 3 grau, constataram os seguintes pontos:

_ **Imaturidade Cultural:** Devido à estrutura do ensino de segundo grau, reduzindo e simplificando os conteúdos, apenas para a aprovação do vestibular, em detrimento dos conhecimentos gerais necessários à vida. "Como consequência, ocorre o rebaixamento do nível cultural, a grande ausência do hábito de leitura, o pouco ou nenhum crédito dado às pesquisas em sala de aula, caracterizando uma dependência cultural". (p.16)

_ **Imaturidade Psicológica:** "A mentalidade com que muitos alunos alcançam o terceiro grau, é a mesma em que iniciaram o segundo grau. Muitos alunos prestam vestibular por insistência de familiares ou amigos, mas não possuem certeza de que o curso escolhido responderá à suas aspirações pessoais e profissionais. Onde, a insegurança e a irresponsabilidade às suas atitudes.

Talvez esteja aí a explicação para tantas desistências e trancamentos de matrículas". (p. 16) .

Em consequência, percebe-se um desrespeito e falta de consideração para com o professor, e uma preocupação com a nota e freqüência nas disciplinas.

_ **Imaturidade Lógica:** "Uma primeira impressão que se tem é que alguns alunos passaram diretamente do 1 grau para o 3 grau., tão

gritante e infantis são os erros cometidos. Falta seqüência lógica de raciocínio quando se coloca por escrito o que se pensou. O que em um parágrafo é afirmado, no seguinte é negado; erros gramaticais e ortográficos, grosseiros e elementares.

Conforme se pode verificar, de modo geral, os alunos chegam no 3 grau muito despreparados". (p. 17).

Ainda segundo os autores, o "papel da Universidade, de gerar conhecimento científico e preparar profissionais de nível universitário, passa a ser conscientizar o aluno, o que só ocorre no final do curso, quando já se peneirou e afunilou, e muitos alunos passam a reconhecer a importância de conteúdos estudados nos primeiros semestres de seu curso".

Mesmo com essa realidade, o aluno do 1 grau começa a ir em busca de uma clarificação, um melhor entendimento a respeito do curso que escolheu, em nosso caso, a musicoterapia. É nesse momento, que a mudança começa a se estruturar.

Através da análise dos dados coletados nos depoimentos de 70% dos alunos do 1 ano (1999), percebe-se que existem várias dúvidas a respeito do que a musicoterapia faz realmente, bem como os seus benefícios. Paralelo a uma confusão em relação à profissão e o mercado de trabalho, caracterizando mais dúvidas.

Demonstrou-se também que há a falta de clareza e compreensão do aluno em relação às disciplinas. Em contrapartida, há o desejo de que o 1 ano esclareça as dúvidas pré-existentes sobre a musicoterapia, e que traga maior informação e embasamento.

Mesmo em meio a tantas dúvidas, notou-se uma satisfação no curso, ilustrada pela superação das expectativas, do otimismo presente, da

curiosidade sobre a fundamentação, métodos e da musicoterapia enquanto ciência, ligada a área humana e musical.

Segundo depoimentos, inicia-se "a busca de uma visão diferente da música no sentido de torná-la útil para a saúde física e psíquica do homem".

Dos 100% dos alunos entrevistados (1 ano):

28,5% apresentam conhecimento prévio sobre musicoterapia.

46,5% apresentam conhecimento vago sobre musicoterapia. No segundo ano, o aluno busca resolver as questões oriundas do primeiro ano, que ainda lhe acompanham.

Existe aqui uma ansiedade de Ter algo palpável, o aluno quer Ter certeza, quer a confirmação do que lhe foi apresentado anteriormente, necessita de uma garantia. É a fase dos por quês, dos julgamentos a respeito da prática da musicoterapia, muitas vezes sem a base e fundamentação, e principalmente sem uma compreensão, uma visão maior da mesma.

É um ano onde se estuda muito sobre as patologias, um conhecimento indispensável para os campos de atuação, que paralelamente já prepara o aluno para o estágio de observação.

O estágio de observação é o primeiro contato com a prática clínica da musicoterapia. Mesmo como observador, o aluno estará ampliando e formando sua visão crítica, a respeito do que acontece no *setting* musicoterápico, envolvendo terapeuta e cliente e a utilização da música.

É através do estágio de observação, que o aluno irá escolher comprometidamente a área de estágio de terceiro ano, discriminando

dentre os exemplos observados, o que ele quer, bem como o que não quer na sua profissão.

Os 75,8% dos alunos entrevistados do 2º ano, afirmam que este ano vêm esclarecer as dúvidas no ano anterior, a fim de responder as questões confusas e proporcionar o conhecimento da musicoterapia.

Junto disso, os alunos concordam que há um amadurecimento pessoal e uma busca de uma complementação dos estudos fora do ambiente da sala de aula. Existe segundo depoimento “uma substancial maturação das idéias formadas no 1º ano”, contribuindo para a solidificação de um conceito próprio a respeito da musicoterapia enquanto profissional e ciência.

Isso ocorre em parte, devido a um maior direcionamento das disciplinas à terapia, cliente e música, envolvendo as diferentes áreas de atuação, onde o aluno poderá experienciar através do estágio de observação.

Estágio este que colocará em contato com a prática da musicoterapia, onde trabalhará questões de medo, insegurança e também competência.

Além disso, este estágio permitirá conhecer diretamente a clientela, observando suas reações e demandas.

Os alunos do 2º ano esperam que o estágio conduza-os a conclusões sobre a prática da musicoterapia, pois necessitam aprender a lidar com o cliente e estruturar uma sessão, a fim de perceber quais mudanças possam surgir no cliente.

O aluno de 3º ano já inicia com o compromisso de estagiar numa instituição, onde estará atuando junto de uma clientela. Nesta prática, ele

deverá ter responsabilidades, domínio do agir e certeza do que está fazendo, mesmo que cometa erros. Isto vem acompanhado da sensação de ser observado, do medo da crítica, de saber lidar com suas limitações e frustrações, onde depara-se com a questão de que “o terapeuta não é onipotente, não é o salvador”, segundo MOORE (1993).

Este estágio requer do aluno, algumas qualidades que estarão contribuindo para a formação do terapeuta. Segundo MESSAGI (assunto visto em aula), são: “a visão de homem e de mundo, baseadas na filosofia, as teorias da psicologia, bem como as teorias da música e técnicas da musicoterapia, que vão fundamentando a prática musicoterápica”.

Neste estágio, experiência que o aluno está sentindo e vivendo, ele colocará em prática os seus conhecimentos teóricos vistos até agora e sua formação musical.

No terceiro ano 72% dos alunos foram entrevistados a respeito de seu estágio prático.

Constatou-se que este estágio está contribuindo para desenvolver o musicoterapeuta, em cada um, onde desejam apreender o máximo possível com essa experiência para o amadurecimento profissional.

O estágio de terceiro ano é o momento onde aplica-se os conhecimentos teóricos na prática, experimentando técnicas e compreendendo esta prática no contato com os clientes. Nele, o estagiário aprende a lidar com o cliente, percebendo-o no processo a sua evolução e realizando a leitura do mesmo.

Várias angustias estão presentes no estágio, porém, segundo depoimento, “a angústia é o começo, algo novo que é a prática clínica”.

Vindo acompanhada com um querer resultados imediatos, êxitos, atingir objetivos e o saber lidar com os próprios sentimentos que emergem decorrentes desta situação.

Pelo estagiário já estar exercitando o seu papel de terapeuta no terceiro ano, a ética profissional se faz presente, sendo indispensável. Tendo em vista que estabelece uma relação com um ser humano, é necessário que tenha definido princípios da visão de homem e de mundo, com a finalidade de cooperar para um desenvolvimento positivo e saudável do cliente.

Outro aspecto relevante no estágio de terceiro ano é a importância da supervisão. Vemos o supervisor como o grande filósofo SÓCRATES, refletido por GAARDER (1996):

“... o ponto central de toda atuação de Sócrates como filósofo estava no fato de que ele não queria propriamente ensinar as pessoas. Para tanto, em suas conversas, Sócrates dava a impressão de ele mesmo querer aprender com seu interlocutor. Ao “ensinar”, ele não assumia a posição de um professor tradicional. Ao contrário, ele dialogava, discutia (...). Geralmente, no começo de uma conversa, freqüentemente conseguia levar seu interlocutor a ver os pontos fracos de suas próprias reflexões. Uma vez pressionado contra a parede, o interlocutor acabava reconhecendo o que estava certo e que estava errado”.

Acreditamos ser o supervisor um questionador, que nos dá apoio e aponta-nos “como”, para que está sendo a prática no estágio, sobre as reações vindas dos clientes, sobre suas necessidades, enfim, como estamos desenvolvendo e assumindo o papel de terapeutas.

Segundo VOLPI, “supervisor de musicoterapia tem como função um olhar ampliado sobre os processos musicoterápicos, desenvolvido por um estagiário de musicoterapia e a partir deste olhar (ouvir), discute-se a inter-relação entre os elementos envolvidos no *setting* : musicoterapeuta, música e cliente”.

MEZZADRI salienta que “o supervisor deve ser qualificado e conhecer a área a ser supervisionada”. ALBACH complementa que o “supervisor deve agir de modo a não impor sua identidade profissional na formação de seu supervisando”.

Para CUNHA, “ser supervisor é ampliar a dimensão do olhar e da percepção didática e terapêutica, procurando orientar o processo de crescimento do aluno na relação terapêutica que se inicia frágil, cheio de dúvidas, com os olhos no depois, quando o estagiário, menos ansioso, percebe as manifestações e demandas do cliente, sentindo-se capaz de acompanhá-lo no processo terapêutico. Cada análise vislumbra o entendimento pelo supervisionando, da sua atuação, mostrando caminhos, contribuindo para que o supervisando, da sua atuação, mostrando caminhos, contribuindo para que o supervisando construa sua maneira própria e única de ser musicoterapeuta”.

A partir daqui, ou seja, estando então no quarto ano, o aluno inicia uma nova fase na composição do musicoterapeuta, a de profissional. Nesta etapa ele estará atuando sozinho, com a supervisão indireta; e logo em seguida estará no mercado de trabalho.

De acordo com um depoimento de quartoanista, “No 4 ano o aluno se vê atolado de deveres, como a monografia, o estágio, as aulas e muitas vezes o trabalho, além de relatórios e supervisão.

É muito difícil ver um quartanista na Faculdade, muito menos de conversar com o mesmo, pois ele sempre está com pressa.

Mas apesar de tudo isto, é muito bom olhar para o seu cliente e ver o resultado de trabalho, o resultado da musicoterapia, o que ela proporciona ao ser humano”.

Este trabalho baseou-se numa pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo informal, para consolidar ou não este nosso – questionamento, e perceber como se dá o processo de transformação no aluno do curso de musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná.

Para isto entrevistamos 64,8% dos alunos de 1º a 4º ano e professores supervisores com as seguintes perguntas:

1º ano:

- 1- Antes de entrar na Faculdade, você sabia o que era musicoterapia?
- 2- De que forma se deu a sua escolha?
- 3- Como você conceitua suas expectativas em relação ao curso?

2º ano:

- 1- Que mudanças você percebeu do 2º ano em relação ao 1º ano?
- 2- Quais as suas expectativas e angústias para o estágio de observação?

3º ano:

- 1- Em que o estágio está contribuindo para sua formação de terapeuta?
- 2- Quais suas expectativas e angústias neste estágio?

4º ano:

- 1- Que evolução você sentiu do 1º ao 4º ano, vendo-se agora como um profissional musicoterapeuta?

Supervisores:

1- Qual o papel do supervisor?

Através da análise dos dados que as entrevistas não oferecem, podemos confirmar que está acontecendo com os alunos uma evolução dentro de nossas hipóteses e aspectos descritos, do 1º ao 3º ano, que vem, demonstrada pelo amadurecimento pessoal e acadêmico refletindo-se na sua atuação nos estágios.

Salientamos no entanto, que estas mudanças percebidas na faculdade são os primeiros passos para a “Composição do Musicoterapeuta”, que vai muito além deste período de tempo, ou seja, ele é composto por muitos “encadeamentos, fraseados e movimentos em busca do sucesso para a sua composição, estando ainda muito longe do travessão final...”.

Referências Bibliográficas

BASTOS, Cleverson; KELLER, Vicente. Aprendendo a Aprender- Introdução à Metodologia Científica. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

Gaarder, Jostein. O mundo de Sofia. 14ª ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

MOORE, Thomas. Cuide de sua Alma. São Paulo: Siiliano, 1993.